

**O DESENVOLVIMENTO DO REINO DE DEUS
NA VIDA CRISTÃ E NA VIDA DA IGREJA**

(Sexta-feira – Primeira sessão da manhã)

Mensagem Um

**O desenvolvimento do reino de Deus
numa esfera onde Deus governa em Sua vida divina**

Leitura bíblica: Mc 1:15; Jo 3:3, 5; Lc 4:43; 17:20-21; 2Pe 1:4-11

I. O reino de Deus é o próprio Deus – Mc 1:15; Mt 6:33; Jo 3:3:

- A. O reino de Deus tem Deus como seu conteúdo; o próprio Deus é tudo como o conteúdo do Seu reino – 1Co 4:20; 15:28.
- B. Deus é vida, tendo a natureza, capacidade e forma da vida divina, que formam a esfera do governo de Deus – Ef 4:18; Jo 3:15.
- C. A vida de Deus é o reino de Deus e também a nossa entrada no reino de Deus; temos de ver esse princípio básico – Jo 3:3, 5, 15.
- D. Na verdade, Deus reinar sobre nós não é uma questão exterior, mas uma questão da capacidade inata da vida divina – Rm 8:2.

II. O reino de Deus é a esfera da espécie divina, onde estão todas as coisas divinas – Jo 3:3, 5:

- A. Deus tornou-se homem para entrar na espécie humana e o homem torna-se Deus em vida e natureza, mas não na Deidade, para entrar na espécie divina – Rm 8:3; 1:3-4; Jo 1:12-14.
- B. Para entrar na esfera divina, a esfera da espécie divina, precisamos nascer de Deus para termos a vida e a natureza de Deus, nos tornando, assim, homens-Deus no reino de Deus – Jo 1:12-13.
- C. Fomos regenerados por Deus para sermos da espécie de Deus e entrarmos no reino de Deus – Jo 3:3, 5.

III. O reino de Deus é a esfera da vida divina para essa vida mover-se, trabalhar, reinar e governar, para que a vida cumpra o seu propósito – Mt 6:13b; Jo 3:3, 5, 15-16:

- A. O reino de Deus é um organismo constituído com a vida de Deus como a esfera de vida para o Seu governo, no qual Ele reina pela Sua vida e Se expressa como a Trindade Divina na vida divina – Jo 3:5; 15:1-8, 16, 26.
- B. A única maneira de entrar no reino de Deus é receber Deus como vida e ganhar o próprio Deus; isso é regeneração – Jo 3:5, 15; 1Jo 5:11-12.

IV. O reino de Deus é o próprio Cristo como a semente da vida semeado nos Seus crentes, o povo escolhido de Deus, e que se desenvolve numa esfera na qual Deus governa como Seu reino em Sua vida divina – Lc 4:43; 8:5, 10; 17:20-21; Mc 4:3, 26-29:

- A. O reino de Deus é uma pessoa maravilhosa: o Senhor Jesus Cristo, a corporificação do Deus Triúno – Cl 2:9;
 - 1. Onde Ele estiver, o reino de Deus estará – Lc 17:20-21.

2. O reino de Deus está com Ele, e Ele o leva aos Seus discípulos – Lc 4:43; 17:22.
- B. O Senhor Jesus é a semente do reino de Deus para ser semeada no povo escolhido de Deus a fim de se desenvolver na esfera governante de Deus – Lc 8:5, 10; Mc 4:26-29.

V. Temos de experimentar o desenvolvimento da vida divina e da natureza divina contida na semente divina que foi semeada em nós a fim de termos uma rica entrada no reino eterno – 2Pe 1:1, 4-11:

- A. Recebemos a fé tão preciosa, e essa fé é uma semente todo-inclusiva – 2Pe 1:1:
 1. Todas as riquezas divinas estão nessa semente, mas temos de ser diligentes para desenvolvê-las; crescer até a maturidade é desenvolver o que já temos – 2Pe 1:1-8; 3:18.
 2. Ao desenvolver essas virtudes, crescemos em vida e, por fim, alcançaremos a maturidade, estaremos cheios de Cristo e seremos qualificados e equipados para sermos reis na era vindoura – Ef 4:13-15; Cl 2:19; 2Pe 1:11.
- B. Temos de ser diligentes para buscar o crescimento e desenvolvimento da vida e natureza divinas para uma rica entrada no reino eterno – 2Pe 1:10-11:
 1. O suprimento abundante que desfrutamos no desenvolvimento da vida e da natureza divinas (vv. 3-7) nos suprirá abundantemente uma rica entrada no reino eterno do nosso Senhor.
 2. Esse suprimento nos capacitará e qualificará a entrar no reino vindouro por meio de todas as riquezas da vida e natureza divinas como as nossas virtudes (energias) excelentes com vistas à glória esplêndida de Deus – 2Pe 1:3; 1Pe 5:10.
 3. A entrada no reino eterno é ricamente suprida a nós por meio do nosso crescimento em vida e por meio do desenvolvimento da vida divina em nós.

VI. Como aqueles que nasceram de Deus para entrar no reino de Deus, temos de ser restaurados ao governo direto de Deus por meio da intuição do nosso espírito – Mt 5:3; 1Co 2:11; Mc 2:8:

- A. Na dispensação da inocência vemos o princípio do governo de Deus; na dispensação da consciência, o princípio do autogoverno; e na dispensação do governo humano, o princípio do governo do homem:
 1. Antes da queda, o homem era governado diretamente por Deus; ele vivia perante Deus e era responsável diante de Deus – Gn 2:16-17.
 2. Desde a época em que Adão foi expulso do jardim do Éden até à época em que Noé saiu da arca, Deus estabeleceu a consciência dentro do homem para O representar ao governar o homem – At 24:16.
 3. Após o dilúvio, porque o homem não estava sujeito ao governo de Deus nem ao autogoverno, Deus autorizou o homem a representá-Lo ao governar sobre o homem – Gn 9:6; Rm 13:1.
- B. Porque o homem se degradou do governo de Deus para o governo do homem, Deus, ao salvar o homem, deve restaurá-lo do governo humano para o governo divino, para que, mais uma vez, o homem viva perante Deus em simplicidade e sob a Sua autoridade direta – Mt 5:3, 8; 6:33.
- C. No plano de restauração de Deus, o homem deve voltar do governo humano para o governo de Deus, passando pelo autogoverno.

- D. A meta final de lidar com a consciência não é meramente nos restaurar ao auto-governo, mas nos levar de volta ao governo de Deus e nos restaurar ao próprio Deus e, assim, vivermos na presença de Deus – Mt 5:3.
- E. Há uma grande diferença entre autogoverno e o governo de Deus:
 - 1. O autogoverno significa que vivemos pelos sentimentos da nossa consciência, sendo responsáveis para com a nossa consciência – At 24:16.
 - 2. O governo de Deus significa que vivemos pela intuição do nosso espírito, sendo responsáveis pela intuição, ou seja, sendo responsáveis diante de Deus:
 - a. Em nosso espírito, há uma função que dá uma sensação direta, para compreender, discernir e perceber as coisas; essa é a intuição em nosso espírito – 1Co 2:11; Mc 2:8.
 - b. Quando vivemos pela nossa intuição e somos controlados por ela, vivemos na presença de Deus e somos diretamente governados por Ele.
- F. Quando estamos sob o governo de Deus, vivemos pela intuição do nosso espírito segundo a sensação de vida – Rm 8:6:
 - 1. A vida divina é a vida mais elevada, com o sentimento mais rico, forte e refinado (Ef 4:18); esse sentimento é a sensação de vida.
 - 2. A sensação de vida nos faz saber se estamos vivendo na vida natural ou na vida divina, se estamos vivendo na carne ou no espírito – Rm 8:6.
 - 3. A sensação de vida nos guia, governa, controla e direciona – Rm 8:4.
 - 4. O reino de Deus tem a sua realidade, e essa realidade é o viver da vida divina sob o governo direto de Deus – Mt 5:3, 8, 20; 6:33; 7:21.

Porções do ministério:

CONFIRMAR COM DILIGÊNCIA A VOCAÇÃO E ELEIÇÃO

Em 2 Pedro 1:10, Pedro continua: “Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, firmar o vosso chamamento e eleição; pois, fazendo isso, de modo algum tropeçareis, jamais”. *Diligência* aqui é desenvolver as virtudes espirituais na vida divina, avançar no crescimento da vida divina. Isso torna firme nosso chamamento e eleição realizados por Deus.

Se formos diligentes em desenvolver as virtudes mencionadas nos versículos 5 a 7, confirmaremos nossa vocação e eleição, e teremos certeza delas; nunca duvidaremos que fomos chamados e escolhidos por Deus. No entanto, alguns podem questionar se Deus os escolheu. A razão dessas dúvidas é que lhes faltam as virtudes citadas por Pedro. Mas se as desenvolvermos e formos constituídos delas, teremos a confirmação de que fomos chamados e escolhidos. Isso é confirmar nossa vocação e eleição, torná-las firmes. Além disso, ao fazer essas coisas, jamais tropeçaremos, porque fomos plenamente constituídos.

A ENTRADA NO REINO ETERNO

No versículo 11 Pedro conclui: “Pois dessa maneira vos será rica e abundantemente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. O suprimento abundante que desfrutamos no desenvolvimento da vida e da natureza divina nos suprirá abundantemente a rica entrada no reino eterno de nosso Senhor. Isso nos capacitará e qualificará a entrar no reino vindouro com todas as riquezas da vida e da natureza divina como nossas excelentes virtudes visando à esplêndida glória de Deus. Isso não é apenas ser salvo a fim de ir para o céu.

O reino eterno nesse versículo refere-se ao reino de Deus dado a nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo (Dn 7:13-14), que será manifestado em Sua vinda (Lc 19:11-12). Será um galardão aos cristãos fiéis, que buscam o crescimento em Sua vida até chegar à maturidade e o desenvolvimento das virtudes de Sua natureza, para que participem de Sua realeza na glória de Deus no milênio (2Tm 2:12; Ap 20:4, 6). Assim, entrar no reino eterno do Senhor está relacionado com a entrada na glória eterna de Deus, à qual Ele nos chamou em Cristo (1Pe 5:10; 1Ts 2:12).

Segunda de Pedro 1:11 indica que a entrada no reino de nosso Senhor é-nos suprida de maneira rica e abundante. Muitos cristãos, porém, não a terão, pois nunca a edificaram desenvolvendo a semente divina até a maturidade. Se não formos constituídos das virtudes divinas, não seremos capazes de edificar essa entrada. Mas se tivermos o desenvolvimento da vida divina e formos constituídos dos elementos da natureza divina, uma entrada rica e abundante no reino vindouro nos será suprida. (*Estudo-vida de 2 Pedro*, pp. 53-54)

MATURIDADE E REINADO

Em 2 Pedro 1:8 a 10, Pedro diz que, se todas essas virtudes existirem e abundarem em nós, elas farão com que não sejamos nem inativos nem infrutíferos para o pleno conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Mas aquele em quem essas coisas não estão presentes é cego, vendo só o que está perto, esquecido da purificação dos seus pecados do passado. Portanto, Pedro ordena que sejamos diligentes para confirmar nosso chamamento e eleição, desenvolvendo todas essas virtudes.

No versículo 11 Pedro conclui: “Pois dessa maneira vos será rica e abundantemente suprida a entrada no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”. Nesse reino eterno não seremos súditos, seremos reis. Mas, para ser reis no reino eterno de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, precisamos de maturidade de vida. Nós, cristãos, estamos destinados a ser reis no reino do Senhor. Porém, como alguém pode ser rei no reino vindouro se lhe faltar maturidade na vida divina? É impossível ser rei sem essa maturidade. Mesmo que o Senhor quisesse entronizar alguém que não é maduro, essa pessoa perceberia que não é capaz de ser rei. Isso indica que nós próprios sabemos que precisamos crescer até a maturidade para ser reis.

De acordo com o que Pedro diz em 1:5-11, crescer até a maturidade é desenvolver o que já recebemos. Já recebemos a maravilhosa fé igualmente preciosa, que é uma semente todo-inclusiva. Todas as riquezas divinas estão nela, mas precisamos ser diligentes para desenvolvê-las e transformá-las em virtude. Então, precisamos desenvolver, em nossa virtude, o conhecimento; no conhecimento, o domínio próprio; no domínio próprio, a perseverança; na perseverança, a piedade; na piedade, o amor fraternal; no amor fraternal, o amor. Desenvolvendo essas virtudes, cresceremos e por fim alcançaremos a maturidade. Como resultado, seremos cheios de Cristo e, nas palavras de Paulo, chegaremos à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef 4:13). Então, estaremos qualificados e preparados para ser reis no reino vindouro. (*Estudo-vida de 2 Pedro*, pp. 61-62)

A RELAÇÃO DA CONSCIÊNCIA COM O GOVERNO

Alguns estudiosos das Escrituras dividiram a Bíblia em sete dispensações: da inocência, da consciência, do governo humano, da promessa, da lei, da graça e do reino. As três primeiras são classificadas conforme o princípio do governo. Na dispensação da inocência, vemos o princípio do governo de Deus; na da consciência, o princípio do governo próprio; e na do governo humano, o princípio do governo do homem. Dos três tipos de governo, o que está sob o governo da própria pessoa é aquele relacionado com a consciência.

Antes da queda, não havia barreira de pecado entre Deus e o homem. Essa foi a dispensação da inocência, quando o homem era governado diretamente por Deus, vivia diante de Deus e era responsável perante Ele. Infelizmente, ele fracassou sob o governo de Deus e tornou-se pecaminoso interior e exteriormente; então, o Deus santo e justo teve de abandoná-lo.

Consequentemente, desde o tempo da expulsão de Adão do jardim do Éden até o tempo da saída de Noé da arca, Deus estabeleceu no homem a consciência para governá-lo como representante divino. Essa é a chamada dispensação da consciência. Nesse período, o homem era governado pela própria consciência e perante ela era responsável. Infelizmente, sob esse governo próprio, o homem fracassou novamente. Ignorou a repreensão e o controle da consciência, e o resultado foi assassinato e fornicção, advindos de absoluta corrupção e completa perversidade. Deus julgou essa dispensação através do dilúvio.

Depois do dilúvio, Deus disse a Noé: “Se alguém derramar o sangue do homem, pelo homem se derramará o seu” (Gn 9:6). Porque o homem não se sujeitou ao governo divino nem obedeceu ao governo próprio, Deus autorizou ao homem representá-Lo no governo humano. Portanto, pouco depois houve o início das nações; veio à existência entre as raças humanas o governo das autoridades políticas, o poder da sociedade e o controle na família. Por exemplo: numa nação, há o presidente e as autoridades; numa fábrica, os supervisores; e numa família, os pais e irmãos mais velhos, etc. Essas são as autoridades estabelecidas por Deus para representá-Lo no governo humano. É por isso que Romanos 13:1 diz: “Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores”. Essa é a dispensação do governo humano, no qual a humanidade é governada pelo homem e perante ele é responsável.

Do ponto de vista de governo, o homem caiu do governo de Deus para um governo próprio e depois do governo próprio para o governo humano. Quanto mais alguém é governado por Deus, mais nobre se torna, mas quanto mais é governado pelo homem, mais vil se torna. Hoje, a condição do homem é de completa rejeição ao governo de Deus. Pode haver algumas pessoas que estejam sob o governo próprio, sendo controladas pela consciência; contudo, o impacto desta é muito fraco. A maioria vive sob o governo humano e nunca se conforma, a menos que seja governada por alguém. Todavia, muitos ainda fracassam na dispensação do governo humano. Não apenas desobedecem, mas também se esforçam para escapar do governo humano e até mesmo para derrubá-lo. Hoje, o que se apresenta ante os nossos olhos é um estado de rebelião e desordem. Assim, o homem é um total fracasso, quer sob o governo de Deus, de si mesmo ou do homem.

Visto que o homem degradou-se do governo divino para o humano, Deus, ao salvá-lo, deve restaurá-lo do governo humano para o divino, para que o homem possa uma vez mais viver diante de Deus em simplicidade e sob a Sua autoridade direta. Entretanto, esse tipo de restauração não pode ser realizado instantaneamente. Ao degradar-se, decaindo do governo divino para o humano, o homem passou pelo estágio do governo próprio; por isso, no plano de restauração de Deus, o homem deve refazer a trajetória, voltando do governo humano para o divino, passando, nesse intervalo, pelo governo próprio. Uma vez que o governo próprio é um passo entre o governo humano e o divino, ao ser salva, uma pessoa deve primeiro ser libertada do governo humano e voltar para o governo próprio.

Todos aqueles que vivem sob o governo humano estão vivendo diante do homem. Não ousam fazer muitas coisas por causa do temor do homem. Sempre que não estão sob a jurisdição e observação do homem, fazem o que lhes agrada. Contudo, os que estão sob o governo próprio não são assim. Vivem pelos sentimentos da própria consciência. Sendo controlados por ela, não necessitam ser governados por outros. São restringidos em todas as palavras e comportamento, não por causa do temor do homem, mas por que a consciência os regula. São

livres para agir somente quando a consciência aprova. Exteriormente, parecem ainda estar sujeitos ao governo do homem, todavia, de modo prático, esse governo é desnecessário, porque a consciência deles é suficiente para governá-los e controlá-los.

Lamentavelmente, a condição de muitos cristãos hoje não é assim. O seu comportamento ainda exige o governo humano. Os alunos devem ser controlados pelos professores; os filhos, pelos pais; e os funcionários, pelos supervisores. Frequentemente, importam-se apenas com aqueles que estão à sua volta, mas não com a consciência no seu interior. Isso prova fortemente que ainda estão vivendo na condição caída de serem governados pelo homem. Portanto, somente lidando drasticamente com a consciência é que seremos libertados da condição caída do governo humano para o governo da consciência. Então, em todas as coisas poderemos viver e agir segundo os sentimentos da consciência.

Entretanto, o alvo final de lidar com a consciência é não apenas restaurar-nos para o governo próprio. Se permanecermos apenas nos sentimentos da consciência, estaremos ainda numa condição meio caída e carentes da vontade de Deus. Por isso, lidar com a consciência é não apenas fazer o homem voltar do governo humano para o governo próprio, da vigilância humana para a consciência, porém, mais ainda, fazê-lo passar pelo governo próprio e alcançar o governo de Deus, passar pela consciência e viver na presença de Deus. Lidar com a consciência de modo que sejamos trazidos de volta a ela é ainda um objetivo do lado negativo; o do lado positivo é que sejamos restaurados ao próprio Deus. Portanto, o alvo final de lidar com a consciência é trazer-nos de volta ao governo de Deus.

O governo próprio e o de Deus diferem grandemente. O primeiro significa que o homem vive pelos sentimentos da consciência, sendo responsável perante ela; o segundo significa que ele vive pela intuição do espírito, sendo responsável perante a intuição, ou seja, perante Deus. Sabemos que Deus, pelo Espírito Santo, vive em nosso espírito. Portanto, podemos dizer que a intuição em nosso espírito é o sentimento de Deus. Por isso, quando vivemos pela intuição e somos controlados por ela, estamos vivendo na presença de Deus e sendo governados por Ele. A consciência tem somente o sentimento do certo e do errado. Condena o que é errado e maligno e aprova o que é correto e bom. Mas a intuição está acima do certo e errado, bem e mal. Está acima do errado e também do certo; está acima do mal e também do bem. Condena o que é errado e maligno, mas não necessariamente aprova o que é certo e bom. Aceita apenas o que é de Deus, do Espírito e da vida.

Por exemplo, mentir é condenado pela consciência, enquanto falar a verdade é aprovado. Se vivermos pela consciência, tudo estará bem desde que não mintamos, mas falemos a verdade. Contudo, se vivermos pela intuição, andando de acordo com o sentimento de Deus, não apenas não poderemos mentir, mas nem sempre poderemos falar a verdade. Devemos perguntar: Essas palavras são de Deus ou de mim mesmo? Deus não quer que mintamos nem quer que falemos a verdade. O que deseja é que falemos as Suas palavras, palavras que são Dele, do Espírito e da vida. Portanto, quando um irmão estiver ministrando, se ele está falando a verdade ou não, isso será cuidado pela sua consciência. Mas quanto ao que deve ministrar, que assunto deve escolher, o que Deus tem em mente para ele falar, isso não está no limite do certo e errado, bem e mal. O sentimento da consciência é incapaz de fazer qualquer coisa a esse respeito. Somente pela intuição é que se pode tocar a mente de Deus e ser guiado por Ele para falar as Suas palavras. As diferenças entre consciência e intuição também são as mesmas entre governo próprio e governo divino.

Hoje, há pouquíssimas pessoas vivendo inteiramente sob o governo de Deus! Muitos irmãos e irmãs estão vivendo numa espécie de combinação dos três tipos de governo. A maior parte do seu ser está sob o governo humano; ainda precisam ser regidos pelo homem. Outra parte está sob o governo próprio, da consciência. Mas apenas uma pequena parte está sob o

governo divino, de modo que sejam controlados por Deus diretamente. Essa é uma condição muito anormal. Portanto, é necessário lidar com a consciência mais completamente, de modo que possamos, no aspecto negativo, ser libertados do governo humano e, no positivo, entrar no governo de Deus para estar diretamente sob o Seu controle. (*A experiência de vida*, pp. 101-105)